

TRAJETÓRIAS MIGRATÓRIAS E ALISTAMENTOS EM OBRAS DE EMERGÊNCIA NO BAIXO E MÉDIO JAGUARIBE-CE (1958-1970)

Venâncio Sousa de Oliveira.

Mestrando em História Social pela Universidade Federal do Ceará - UFC.

venanciosousadeoliveira@gmail.com

No ano de 1958 quando as primeiras chuvas do mês de março não caíram no sertão cearense Antônio Lima já ficou esperto esperando mais um período de estiagem. É verdade que no início daquele ano algumas batidas de água foram registradas¹ na zona rural de Russas-CE, no Baixo Jaguaribe, onde ele morava com sua família, mas essas só serviram para deixar o mato um pouco verde e alimentar alguns animais, não sendo o bastante para lavoura e as roças de sua família.

Muito jovem, com apenas 17 anos, Antônio Lima já sabia dos esforços realizados por familiares e moradores de sua comunidade, o Córrego Salgado, quando se percebia um período seco. Foi desse jeito que naquele ano decidiu sair de seu sítio junto a um grupo de homens da região, incluindo seu pai e tio, para procurar alistamentos na obra de emergência mais próxima. Entre o chão de terra ressequida e os sujeitos que se deparou no meio do caminho, esse agricultor achou alistamento em trabalhos feitos no Posto Agrícola de Santo Antônio de Russas, que ficava em torno de 15km de sua casa.

Na década de 1950 as obras de emergência foram ações do Governo Federal, promovidas pelo Ministério de Viação e Obras Públicas - MVOP e colocadas em prática, principalmente por alguns de seus departamentos, o DNOCS e o DNER². Essas se tratavam do emprego em massa de vários sertanejos em frentes de trabalho nos períodos de estiagem para a antecipação, complementação ou intensificação de obras em execução³ na área denominada de Polígono das secas⁴. Os principais trabalhos realizados pelos

¹ Foi registrado chuvas no município de Russas em 1958, caindo 25, 1 milímetros no mês de fevereiro. Ver DNOCS, MVPO. Relatório do Serviço Agro-Industrial, 1958.

² DNOCS – Departamento Nacional de Obras Contra as Secas; DNER – Departamento Nacional de Estradas de Rodagem.

³ DNOCS. Boletim de 1958, Rio de Janeiro, 1958, p. 30.

⁴ Esta era uma área que abrangia, segundo a designação de 1951, quase todo o estado do Piauí, todo o Ceará e o Rio grande do Norte, parte do Pernambuco e Paraíba, boa parte de Alagoas, Sergipe e Bahia, e um pouco do Norte de Minas. Ver GUERRA, Paulo de Brito. *Civilização da Seca*. Fortaleza, DNOCS, 1981

braços de sertanejos foram estradas de rodagem, postos de aviação, canais de irrigação e açudes.

A experiência da migração e das obras de emergência em 1958 ficou marcada na memória daquele agricultor e foi ponto chave para o desenrolar da narrativa sobre sua trajetória de vida. Na entrevista cedida em 2015 na pesquisa de campo do COMTER⁵, o então morador do distrito Peixe em Russas-CE, Antônio Lima começou seu relato falando do trabalho que era responsável quando criança, da seca e dos famosos alistamentos nas obras:

Julialyson Mendonça⁶ (J.M) – Seu Antônio, a sua infância o senhor passou onde?

Antônio Lima (A. L) – É aí pra frente, bem perto, a comunidade da gente, a gente chamava de Córrego Salgado.

J. M. – Qual o dia do seu nascimento

A. L. – Eu sou de março de 41 (1941), dia 7 de março.

J. M. – Aí desde criança...

A. L. - Desde criança talvez de idade de 7 pra 8 anos eu já fazia essa luta. Tinha muitos dias de manhãzinha cedo, ele (pai de Antônio Lima) pegava, de cinco horas da manhã, chamavam eu, talvez dois quilômetros de a pé atrás de uma vaca que era solta pra tirar um pouco de leite pro “mais pequeno”, todo dia tinha que fazer.

J. M. – Com quem que o senhor ia?

A. L. – Sozinho e Deus! Ai quando eu chegava talvez uns dois quilômetros eu escutava o cair da vaca no meio do mato, aí eu ia arroteava e trazia, pra ele tirar o leite pros “mais pequeno”, e assim vem vindo. Em 58, eu já rapazinho, com 18 anos, aí teve seca né em 58? A gente foi para um barracão, foi eu, ele e um irmão dele. Ai deixa que nessa viagem só empregou ele e o irmão, e a família era de 12 filhos, ai era pouco ganho. Daí ele arranhou um conhecido que tinha para trazer nós pra cá e deixar aqui no Peixe, eu e outro rapazinho que foi. Eu fui de noite e disse assim, “rapaz, vou voltar, vou me empregar!” Eu lá tinha visto uma conversa que... sempre as coisas têm que ter uma

⁵ As entrevistas utilizadas nesse texto foram produzidas a partir do trabalho extensionista do Núcleo de Estudos sobre Memória e Conflitos Territoriais – COMTER. Essa pesquisa de campo durou cerca de 3 anos (2014-2016) e teve a participação de 16 bolsista, os quais me incluo, o que possibilitou a formação de um banco de fonte orais do COMTER, disponível para acesso ao entrar em contato com o seguinte email: comtertaburussas@gmail.com.

⁶ Julialyson Mendonça foi estudante de graduação em História – UFC e bolsista de Extensão do COMTER.

mentirazinha (risos)... “Rapaz, vamos voltar bem cedim, você viu aquele negócio de dizer que sendo filho da viúva se empregava? Pois vamos bem cedinho, e vamos dizer que sou filho de viúva (risos)”

J. M. – Isso lá no Barracão?

A. L. – Sim! Ai voltemos de a pés, barracão é duas léguas e meia, quase três. Tivemos que ir a pés bem cedim (sic) e deu certo. Chegamos lá e inventamos isso, se “empreguemo (sic) todos os dias no tempo de seca, ganhando.”⁷

A infância de Antônio Lima era marcada pelo trabalho na roça, na pega do gado e na busca da água, uma trajetória comum para crianças naquela região. Nessas ilações que nosso narrador fez sobre suas tarefas, concatenando o momento atual com sua infância, ele lembrou do seu dever dentro de casa, da responsabilidade de buscar a vaca para tirar o leite dos “mais novos”, pois era o filho mais velho. O relato sobre a seca aparece nesse trecho relacionado com seu trabalho e responsabilidades.

Ao decorrer da entrevista o trabalho que é companheiro do nosso narrador vai ganhando forma e se modificando da sua infância para adolescência, assim como suas responsabilidades com a casa. A necessidade de se alistar para ajudar sua família naquele período seco é preponderante nesse pequeno trecho, e tinha suas dificuldades de acesso. Como o mesmo narra, ele não consegue se alistar no primeiro momento, valendo-se de “conhecidos” para lhe darem carona de volta a uma comunidade mais próxima da obra, o Peixe⁸, e só de lá seguir o caminho a pé para o Córrego Salgado.

Mas esse camponês não desistiu tão fácil, tinha que conseguir alistamento pois “era pouco ganho”, e só seu pai e tio conseguiram o serviço. Dessa forma, se lembrou de uma “conversa” de que “filhos de viúva” eram empregados com maior facilidade nos postos de trabalho. Muito esperto, junto a outro jovem da região, resolvem contar essa “mentirazinha”, conseguindo se empregar “todos os dias no tempo de seca ganhando.”

Esse vai e vem a procura de alistamentos em períodos de seca no Baixo e Médio Jaguaribe não foi feito apenas pelo nosso narrador, seus familiares e amigos. Eram muitos homens, mulheres e crianças que partiram de suas casas, roças para passarem alguns

⁷ Entrevista Realizada com Antônio Lima no distrito Peixe, Russas-CE em 31 de maio de 2015. Disponível em Acervo de Fontes Orais – COMTER/UFC.

⁸ A nomenclatura da comunidade de Peixe é de data mais recente. No período estudado e no momento em que Antônio Lima foi para a obra o local era conhecido como Lagoa do Peixe.

meses debaixo dos barracões de lona armados nas obras de emergência. Os anos de seca formavam esse grande rebuliço na região, pois nem sempre o emprego era obtido no primeiro local que eles fossem, muitas vezes levando esses sertanejos a lugares cada vez mais distantes de suas moradas.

A migração feita por esses sujeitos não responde a uma lógica de saída e atração, como se os caminhos para as obras fossem demarcados e lineares do sítio aos barracões. Desde a decisão de migrar, as formas utilizadas por esses indivíduos de irem, e o que se definiu nas suas trajetórias, passou por relações sociais construídas e acionadas naquele momento. Seja pela definição de uma rede social para a efetivação da migração (FONTES, 2008) formadas por parentes, amigos e vizinhos; ou pela pressão feita por estes as autoridades locais, e os interesses destas em relação a permanência ou não dos sertanejos em suas casas.

Partindo da análise de Marilda Aparecida de Menezes (2012), as trajetórias migratórias devem ser percebidas como o migrante se constitui nas tensões de várias categorias e espaços sociais. Deve-se compreender como os indivíduos tratam subjetivamente as possibilidades objetivas de ficar ou sair, do trabalho e vida. Fugindo assim de visões “monocausais” sobre a migração, da análise pela via reta de saída e chegada.

Nas idas e vindas para os barracões, nos encontros entre esses sujeitos, aconteciam trocas de experiências e formas de solidariedades, cunhadas entre indivíduos que passavam por trajetórias migratórias parecidas, possibilitando que estes alcançassem seus objetivos e/ou, por vezes, transformassem seus percursos pretendidos inicialmente se deslocando a procura de outros lugares para o emprego. Como é o caso das “conversas” sobre “filho da viúva” de Antônio Lima.

Nesse sentido, nesse texto pretendemos seguir os caminhos narrados pela memória de camponeses do Baixo e Médio Jaguaribe que migraram para obras de emergência em 1958 e 1970. Analisando as trajetórias migratórias, pensando nas decisões tomadas para o ato de sair, e as relações que foram configuradas entre esses sujeitos para podermos caracterizar melhor essas movimentações de camponeses que formaram toda a região do Baixo e Médio Jaguaribe em 1958.

Obras, migração e alistamentos.

O Baixo e Médio Jaguaribe⁹ são microrregiões localizadas no centro-leste cearense fazendo divisa com o Estado do Rio Grande do Norte. No início da década de 1950 nem todos os municípios existentes nas regiões hoje tinham sua independência, a maioria deles eram distritos ou vilas pertencentes a outras cidades, como é o caso de Potiretama, Jaguaruana e Quixeré. Os principais municípios nesse período eram Aracati, Limoeiro do Norte e Russas¹⁰, cada um destes já tinham um comércio crescente, sendo os últimos dois conhecidos pela extração e exportação da cera de carnaúba, forte na primeira metade do século XX¹¹.



Mapa do Ceará / Baixo Jaguaribe e Sertão de Pereiro (1957). Enciclopédia dos Municípios Brasileiros – IBGE, 1959.

Maior parte da população desses municípios, assim como de outros no Baixo e Médio Jaguaribe moravam na zona rural, nos distritos e sítios. Limoeiro do Norte chegava a ter mais de 80% de seus habitantes vivendo nessa situação segundo o levantamento feito

⁹ É importante esclarecer que em 1958 a microrregião que chamamos de Médio Jaguaribe era conhecida como Sertão de Pereiro e era composta apenas pelos municípios de Pereiro e Iracema. Optamos pela nomenclatura atual por ser a forma que seus moradores a reconhecem hoje. O Baixo Jaguaribe em 1958 já tinha a nomenclatura atual.

¹⁰ IBGE, Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, 1959 Vol. XVI.

¹¹ Ver Adriana R. Lima. *Trabalhadores da carnaúba: paisagem cultural e modo de vida dos camponeses em Russas-CE na primeira metade do século XX.*, Fortaleza, 2007

pelo IBGE¹² em 1957. Mas essa porcentagem se acentua quando olhamos para municípios menores como Iracema, chegando a ter 90% da sua população na zona rural. Esse quadro demográfico refletia na economia desses municípios que girava em torno da agricultura, pecuária e silvicultura. Mesmo Aracati que tinha o maior quadro urbano das duas regiões e o quinto do Estado, 47% de sua população desenvolviam atividades no meio rural, sendo a produção de coco-da-baia, feijão, mandioca-brava, algodão e milho as mais relevantes para a economia da cidade.¹³

Nesse sentido, as sedes dos municípios no Baixo e Médio Jaguaribe e suas pequenas aglomerações urbanas tinham uma relação muito próxima às atividades rurais, sendo pontos principais para a venda e comércio dessas mercadorias. Na cidade semanalmente existiam feiras onde frutas e legumes produzidos no campo eram vendidos, e cada uma dessas possuía mercados públicos, açougues e armazéns. Devido a esses aspectos, a separação entre campo e cidade não era feita por linhas bem demarcadas, existindo uma dinâmica que movimentava pessoas e produtos por esses dois espaços.

Os períodos de seca transformavam o cotidiano dos moradores da região. Com a crise, a diminuição da produção de alimentos, o emagrecimento dos animais, começava a ficar difícil se manter a partir dos meios normais. Alguns conseguiam passar um pouco mais de tempo nas suas casa e roças devido o excedente de produção que tinham guardado, ou da matança de animais reservados para momentos como aqueles. Os que mantinham relações com fazendeiros, ainda procuravam trabalho em suas terras. Mas no geral, muitos decidiam sair de suas casas e procurar emprego nas obras de emergência.

Em 1958 foram abertos alistamentos para cinco grandes obras nas regiões do Médio e Baixo Jaguaribe. No primeiro, a estrada que liga o Itaú-RN a Iracema-CE e outra rodagem que vai de Iracema-CE a Pau dos Ferros-RN. No Baixo Jaguaribe foi a grande construção da estrada que liga Aracati-CE a Mossoró-RN, outra de ligação entre Limoeiro do Norte-CE e Morada Nova-CE, e serviços realizados no Posto Agrícola de Santo

¹² Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

¹³ IBGE, Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, 1959 Vol. XVI.

Antônio de Russas, que fica na então comunidade de Bonhu, município de Russas-CE¹⁴, onde Antônio Lima se alistou.

Devido a experiências em períodos de seca anteriores, comerciantes, donos de terras e políticos começavam a pedir a abertura de obras de emergência, na tentativa de evitar qualquer tipo de ação dos retirantes. É dessa forma que em abril de 1958, o Deputado Estadual Ernesto Gurgel Valente (PSD), respondendo esses pedidos, manda um telegrama para o semanário O Jaguaribe noticiando sobre a abertura de uma frente de serviço para a ampliação da estrada que liga as cidades de Aracati-CE a Mossoró-RN:

Rio, 17

Prazer comunicar Presidente da República autorizou serviços estrada Aracati a Mossoró inclusive ramais Icapuí e Marjolândia. Todo material serviço d'água foi embarcado no vapor Araribá que partiu hoje diretamente escalas Recife Aracati. Estive em São Paulo todo material rádio pronto e embalado devendo embarcar em caminhão direto Aracati ainda essa semana. Estou ultimando outros assuntos inclusive abertura concorrência entreposto pesca Aracati. Regressarei mais brevemente possível. Confio amigos ativem alistamento indispensável nossa vitória próximo pleito. Abraços.¹⁵

É importante salientar que as ações do Governo Federal contra as secas passavam por acordos e discussões na esfera da política institucional, tanto entre os vereadores, prefeitos e autoridades locais, como em uma escala macro, deputados, senadores e ministros. Muitas dessas atividades serviram como uma tentativa de manter um número de eleitores e sujeitos dependentes a determinada oligarquia local. Dessa forma, conseguir verbas para intervenções contra a seca na região de “influência” se tornava algo importante para a manutenção de interesses políticos¹⁶.

No telegrama do dia 17 de abril, é de se notar alguns termos eleitoreiros na escrita do Deputado estadual aracatiense. Isso, se deve ao fato que em 1958 também foi um ano de eleição. A configuração da abertura de frentes nesse período ganhou um caráter

¹⁴ DNOCS. Boletim de 1958, Rio de Janeiro, 1958, p. 32, 33.

¹⁵ O Jaguaribe, 20 de abril de 1958, p.1

¹⁶ O semanário O Jaguaribe pertencia a família Freire de Aracati-CE. É interessante observar o apoio político que esta família dava ao deputado do então PSD Ernesto Valente, sendo publicado vários telegramas, artigos de apoio as propostas e homenagens ao Deputado. Além de tudo, quando começa o pleito em 1958, o semanário começa a publicar apoio a Parsival Barroso para o cargo de Governador do Estado o qual era candidato pela coligação formada pelo PSD, PTB e PRP.

especial, principalmente no que diz respeito onde essas eram abertas, como as medidas foram usadas e de que forma aconteceu o trânsito e a movimentação dos camponeses.

Luiz do Norte, que na época trabalhava como vaqueiro no então distrito de Quixeré-CE, foi um dos alistados na construção dessa estrada de rodagem. No trecho de sua entrevista cedida para o COMTER podemos perceber mais claro essas movimentações:

Venâncio de Oliveira (V.O) – Sim o senhor estava falando que se casou em 51 (1951), e aí como foi, o senhor se casou, se mudaram?

Luis do Norte (L.N) – Não, casei, nos morava em Quixeré, e fiquei morando em Quixeré. Aí foi, as coisas era cada vez mais... negócio de trabalho, trabalhava longe, quando aparecia um trabalho era em Aracati, ia de Quixeré pra Russas de pé, pra pegar um “bicho”. Joaquim Barbosa de Jaguaruana, ia pegar em Russas pra levar pra Aracati. Era dois quilos de açúcar, nera (sic) dinheiro não... ninguém ganhava dinheiro não, ganhava mercadoria, mas dinheiro...

V. O – Isso depois de cinquenta e um?

L.N – Depois de cinquenta e um...

V. O – E trabalhava em que lá em Aracati?

L. N – Trabalhando na estrada de Aracati pra Mossoró.¹⁷

A ida e volta aos barracões era feita de várias formas: a pé, de jumento, bicicleta, e nesse caso, de carro, como ele chama: “o bicho”. Essas maneiras de deslocamentos que aparecem como pano de fundo na narrativa de Luis do Norte podem ser indícios de algumas redes e relações que os camponeses estavam imersos, e ao mesmo tempo que também as teciam para a efetivação da migração. É possível começar a desenrolar essas linhas pensando o deslocamento de Luís do Norte.

Diferente de Antônio Lima que fazia seu percurso a pé para o Posto Agrícola de Santo Antônio de Russas, Luís do Norte se deslocava da mesma forma para Russas cerca de 30km, mas depois pegava um transporte para Aracati. O espaço percorrido pelos dois

¹⁷ Entrevista realizada com Luis do Norte no distrito Peixe, Russas, em 30 de maio de 2015. Disponível no acervo de fontes orais – COMTER.

também era bem diferente. Enquanto Antônio Lima andava 15km de sua casa ao Posto Agrícola, o segundo chegava a ter aproximadamente cem quilômetros entre sua casa e a obra.

Um dos objetivos das obras de emergência, como foi apresentado pelo então Ministro de Viação e Obras Públicas, Lúcio Meira, em seu discurso póstumo a ocorrência na câmara dos deputados em 1959, era a tentativa de fixação dos camponeses próximos a seu local de morada, ou seja, um controle social de impedimento do ato de migrar para os centros urbanos. Quando analisamos a trajetória de Luiz do Norte isso não se aplica.

O vaqueiro de Quixeré foi pra longe de sua casa, cerca de 100km, e ele mesmo narra em sua entrevista a dificuldade de achar emprego próximo: “trabalhava longe, quando aparecia um trabalho era em Aracati”. A obra mais próxima de Quixeré era no Posto Agrícola de Santo Antônio de Russas, cerca de 30km, e ele não chegou a ser alistado ali, não aparece nenhuma referência sobre isso em sua entrevista. Podemos considerar que a possibilidade de alistamento em uma obra não acontecia necessariamente pelo critério de proximidade espacial, abrindo margem para pensarmos algumas vicissitudes e pormenores nesse processo.

Conforme Lara Vanessa de Castro (2016), a procura por alistamentos poderia ser algo degradante para os camponeses. Estes por vezes não conseguiam o emprego na primeira obra que procuravam, saindo assim para outra e depois outra até ser admitido em algum posto de alistamento. Esse problema acontecia por diversos motivos, o principal era a superlotação das obras. Nessa dinâmica das migrações alguns camponeses chegavam a andar quilômetros e quilômetros até enfim fazer sua barraca e começar a trabalhar em algum canteiro de obra.

Luiz do Norte era um desses alistados que ficou muito distante de sua casa. Não foi mencionado na entrevista se ele chegou a procurar alguma obra antes de conseguir o alistamento, como nos processos migratórios analisados pela Lara Vanessa de Castro, mas um elemento referido na narrativa de Luiz do Norte nos leva a pensar outra questão sobre o longo percurso feito por esse camponês de Quixeré: o carro. Nesse caso ficar sabendo de algum transporte influenciou na sua trajetória migratória.

A presença de carros, jipes e até tratores levando alistados para obras de emergência foi bastante recorrente naquele ano, e Luís do Norte foi um dos vários camponeses que tiveram contato com esse meio de chegar na obra. Outro entrevistado nosso, Ramiro Moura que hoje mora na Baixa do Jatobá, comunidade rural pertencente a Potiretama-CE no Médio Jaguaribe, nos contou em entrevista como foi seu deslocamento para uma obra no Rio Grande do Norte, a construção do açude de Santa Cruz.

No mesmo ano que Luiz do Norte fazia seu percurso para o Aracati, Ramiro Moura morava no Serrote do Mato com sua família, zona rural de Iracema-CE, já que Potiretama-CE no fim da década de 1950 não era independente desse município. Ele foi para a obra quando tinha apenas 15 anos. Parecendo envergonhado, esse senhor respondeu todas as perguntas de maneira curta e direta:

Venâncio de Oliveira (V.O) - Vocês vinham de quê pra voltar pra cá?

Ramiro Moura (R.M) - De pé!

V. O - De pés?

R. M. - (risos) Nesse tempo, na eleição, quando tava (sic) nas vésperas da eleição botava um carro pra buscar nós.

V.O.- O senhor se lembra qual foi o candidato que mandou botar o carro?

R. M. - Rapaz, to lembrando não, nesse tempo ainda não tinha prefeito não nesse tempo, prefeito sabe onde era? No Iracema.

Seu Ramiro Moura nos dá indícios de como funcionava essa questão do deslocamento para alguns sertanejos. Como ele bem lembra, 1958 foi um ano de eleições gerais¹⁸, e as obras se tornavam espaços de disputas políticas entre os vários concorrentes ao pleito¹⁹. Além do local onde essas obras eram feitas, visando o número de votos que

¹⁸ Nesse pleito concorreram candidatos aos cargos de Prefeito, Vice-prefeito, Vereador, Governador, Vice-governador, Senador, Suplente de Senador, Deputado Federal e Deputado Estadual. TRE-CE, Eleições 1958: Resultado. Tribunal Regional Eleitoral do Ceará. Fortaleza, 2001.

¹⁹ Lara de Castro em sua tese, Cassacos: trabalhadores na lida contra a fome e a degradação nas obras públicas em tempo de seca (Ceará, 1950), lembra que as disputadas eleitorais em 1958 tinham as obras como centro de discussões. Os dois lados que concorriam ao pleito (a coligação PSD-PTB e a UDN) soltavam notícias difamatórias em jornais sobre fraudes nas obras controladas pelo lado adversário, assim como utilizavam destas para ganhar votos e como controle político.

os candidatos podem conseguir, arranjar transporte para os alistados também era visto como uma prática eleitoral. Nesse sentido, a migração de vários sertanejos foi sendo arranjada por essas autoridades locais, e em meio a algumas dificuldades enfrentadas nessa migração, os próprios utilizavam desses transportes para se empregarem.

Da mesma forma, na seca de 1970 Antônio Lima não conseguiu alistamento por Russas-CE, e o então Prefeito da cidade²⁰ arranhou trabalho para o povo em Itaiçaba-CE, a aproximadamente 50 km de distância. Nessa obra, como lembra Antônio Lima, as condições de trabalho e convívio eram bem difíceis. Mesmo sendo uma obra que chegou a ter quase seis mil pessoas alistadas²¹ não tinha água potável. Então naquele mesmo ano ele conseguiu sair dali e ser alistado em outra obra, já próximo a Fortaleza-CE no município de Itaitinga-CE. Segundo Antônio Lima esse segundo canteiro era melhor, tanto a convivência nas barracas, como o próprio percurso de Russas a Itaitinga, já que era feito em uma caçamba e não mais de bicicleta como na primeira obra.

A procura por melhorias, onde eles achavam que seria mais confortável e seguro o trajeto até o emprego pode ser visto como um aspecto a ser pensado para esses camponeses, não se tratando apenas de indivíduos que eram levados de um canto para outro. Podemos pensar que mesmo sendo mais distante, o transporte se constituía para Luiz do Norte como uma possibilidade de voltar nos finais de semana para casa, e não apenas na única forma de conseguir alistamento. As trajetórias migratórias são compreendidas como campos de possibilidades que se abrem a partir do contato com diversos sujeitos e em situações de uma realidade concreta, do que é possível para aquele momento e como pode ser avaliado a partir de experiências anteriores, individuais e coletivas.

Tanto Antônio Lima, Seu Ramiro, como Luís do Norte não estavam sozinhos nas suas trajetórias migratórias. Essas idas e vindas eram feitas por vários outros moradores da mesma comunidade, amigos, parentes, pessoas desconhecidas que encontravam no

²⁰ 1970 também foi ano eleitoral. O prefeito de Russas citado por Antônio Lima era José Martins de Santiago (ARENA). Ver Portal do Tribunal Regional Eleitoral do Ceará (TRE-CE), aba *Eleitor eleições/Resultados*. Disponível em <http://www.tre-ce.jus.br/eleicao/resultados>

²¹ Ver *Frentes de Serviço 1970*, DNOCS, Ministério do Interior, 1971.

meio do caminho, dividindo a mesma caçamba, caminhão ou estrada. O próprio Luís do Norte em outros trechos da entrevista narra sobre voltar nas sextas-feiras acompanhado de outras pessoas que vinham do mesmo serviço.²²

Os percursos coletivos no período de seca não são presentes apenas nas falas desses sujeitos. Frederico de Castro Neves (2000) identifica várias ações coletivas de trabalhadores ocupando cidades, de pessoas a margem das estradas e alistados indo e voltando. Isso não foi diferente no Baixo e Médio Jaguaribe, sendo visto em outros depoimentos a presença de familiares e pessoas da mesma localidade.

Dessa forma, a migração pode ser vista como um espaço para a troca de experiências entre esses sujeitos que naquele momento se encontravam em situações parecidas. Foi por meio dessas circunstâncias que Antônio Lima conseguiu o alistamento. Por conta de boatos, o jovem agricultor teve o conhecimento de uma dinâmica nos postos de trabalho para alistar os sertanejos, daí a necessidade de desenvolver formas de agir a partir dessas experiências.

Lara Vanessa de Castro Ferreira analisa vários outros tipos de práticas desenvolvidas pelos camponeses para conseguir alistamentos ou ter melhores condições nos canteiros de obras: como a compra de cadernetas, se alistar com nomes diferentes na mesma frente e entre outras. Para isso, ela tece algumas linhas sobre como funcionava a dinâmica dos alistamentos, da posição dos engenheiros, chefes de serviços e apontadores nos postos de trabalho:

Quando o alistamento começava, uma estratégia utilizada pelo referido engenheiro era priorizar os homens que “arrastavam consigo a família”, pois isto era uma “prova de [maior] miséria”. Depois, incluíam-se outros casados, especialmente os que carregavam qualquer ferramenta como enxada, pá, foice, mesmo desgastadas, visto a carência desses instrumentos nas obras para tão elevado número de pessoas. Os solteiros, oficialmente, eram os últimos a conseguir vagas.²³

²² “Luís do Norte: ai vinha e deixava nos de novo em Russas, e nos ia de pé pra Quixeré. Sabe que horas, se chegava nove horas em Russas na sexta feira ai cada um, vinham trazendo dezoito vinte quilos de mercadoria.”

²³ CASTRO, Lara Vanessa. Cassacos: trabalhadores na lida contra a fome e a degradação nas obras públicas em tempo de seca (Ceará, 1950), 2016, p. 81

No caso de Antônio Lima, como solteiro, era integrante do grupo que se empregava por último nos postos de trabalho, justificando o porquê de não ter conseguido o alistamento no primeiro momento, sendo apenas seu Pai e Tio, homens adultos e com uma prole extensa alistados na obra. Mas é a partir da percepção por parte desses camponeses de um aspecto moral, de uma prova de maior miséria como filho de viúva, ou seja, de que seria o único provedor da casa naquele momento, a mentira é utilizada com relação àquela realidade.

Ao analisar outras fontes começamos a compreender que a percepção dessa narrativa sobre ser “filhos de viúva” para o alistamento de pessoas nas obras de emergência não era um entendimento circunscrito apenas naquele local. No livro “Flashes das Secas” Paulo de Brito Guerra narra uma história similar:

Requerimento de Emprego

Llmo. Sr. Dr. Paulo Guerra. Usando das atribuições que me são conferidas pela necessidade, vou por meio desta respeitosa implorar de V. Excia empregar meu irmão menor Geraldo, o qual é o arrimo de minha mãe, viúva e necessitada pelos sacrifícios da Epoca: Considerando a necessidade implorada pelo seu Estado, de já antecipo-me grata. Sem mais, de V. Excia agradecida, C.L.²⁴

O texto acima em formato de *missiva* foi enviado à Paulo de Brito Guerra quando este ainda era engenheiro agrônomo do DNOCS. Como na maioria dos textos que são transcritos nesse livro, o nome dos autores, remetentes ou indivíduos que fazem parte da história são protegidos pelo anonimato. Esse trecho foi retirado do capítulo que trata especificamente sobre a comunicação dos sertanejos e cassacos em períodos de seca, nas palavras do autor. Essa comunicação era feita nas feiras, nos encontros que aconteciam nas estradas e nas boleias de caminhão que levava os trabalhadores alistados. Parte dos textos presentes nesse capítulo têm formatos parecidos, são cartas, bilhetes e telegramas escritos por sertanejos ou transcritores destes.

O texto específico trata do pedido de emprego por parte de uma pessoa para seu irmão mais novo, o Geraldo, visto que este se encontrava em uma situação difícil, principalmente por ser filho de uma mãe viúva. Nesse contexto, a palavra *arrimo* significa aquele que é responsável pelo sustento da família, ou seja, o único provedor da

²⁴ GUERRA, Paulo de B. Flashes das secas: coletânea de fatos e histórias reais, 1977, p. 23

casa de uma mãe “necessitada pelos sacrifícios da época”, de seca. O pedido feito pelo remetente, irmã ou irmão do Geraldo, se utiliza dos mesmos aspectos morais sobre uma “prova de miséria” citados por Lara Vanessa de Castro.

Guerra ao trazer esse texto em seu livro não está duvidando se a narrativa contida na mensagem foi falsa, se é algum tipo de artifício como o de Antônio Lima. O texto aparece mais como uma das formas de caracterizar o sujeito central no seu trabalho, o Cassaco, como indivíduos que fazem usos de meios para se comunicar e obter seus objetivos. A evocação nesse texto de “filho da viúva” demonstra um aspecto moral em momentos de seca, e coloca essas experiências em uma esfera mais ampla, uma das formas utilizadas por parte dos trabalhadores para conseguir emprego nas obras de emergência.

Percebendo a prática de Antônio Lima fazendo parte desse conjunto de ações realizados por camponeses em 1958 e 1970, de enganar os responsáveis pelo alistamento, de se utilizar de uma atmosfera de sentidos, morais, éticos e econômicos que são configurados em períodos de seca, podemos caracterizá-los com base em Paula Godinho (2017) como práticas possíveis: atitudes desenhadas a partir de um campo de tensões entre o esperado e o diálogo com a realidade.

Paula Godinho (2017) desenvolve esse conceito pensando nas ações dos grupos subalternizados em relação a uma estrutura de dominação. A antropóloga social entende que esses grupos vão agir a partir de uma experiência compartilhada socialmente, entre o que as sociedades pretendem perpetuarem e as circunstâncias que as fazem incorporar alterações nas suas estratégias. A todo momento os grupos subalternizados estão tentando concretizar suas expectativas, abrindo brechas em uma estrutura, ao mesmo tempo que se deparam com uma realidade que por vezes “quebra” com suas expectativas. Nesse campo aberto, práticas possíveis são as reformulações dessas estratégias em relação aquela situação determinada.

A “mentirazinha” contada por Antônio Lima e seu amigo pode ser entendida dessa forma. Existiu uma percepção do jovem agricultor a partir das experiências de outros camponeses de práticas que podem ser usadas para conseguir os alistamentos. A trajetória

migratória funcionou como esse campo em que essas experiências foram compartilhadas: as idas e voltas de Antônio Lima para outra comunidade, se hospedar na casa de um amigo da família e ter consigo alguém para enfrentar esse chefe de alistamento.

Os camponeses do Baixo e Médio Jaguaribe buscaram alcançar suas expectativas e concretizar seus projetos a partir dessas formas. Essas ações delinearão a própria constituição da história desses indivíduos. Mesmo que possamos pensar em projetos e política governamentais, além dos arranjos de uma elite local, a todo momento esses indivíduos tencionam esse tecido, reconfigurando e se utilizando dessas estruturas.

Dito isso, não temos como desvencilhar os desejos desses camponeses pelo alistamento em obras que eles consideraram mais condizentes com suas avaliações para aquele momento, no seu fazer-se migrante e trabalhador de obras de emergência, das experiências e formas de obtenção de seus objetivos, como a questão da dinâmica dos alistamentos.

Por fim, gostaríamos de agradecer a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento a partir da bolsa de pesquisa no mestrado do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará – UFC. É por meio desse incentivo que foi possível o desenvolvimento da dissertação e deste artigo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FERREIRA, Lara V. C. **Cassacos. Trabalhadores na lida contra a fome e a degradação nas obras públicas em tempos de seca. (Ceará, 1950).** 2016. 240 f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social. Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2016.

FONTES, Paulo. **Um Nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-1966).** Rio de Janeiro: FGV, 2008. 348 .

GODINHO, Paula. **O Futuro é para sempre: experiência, expectativa e práticas possíveis.** Letra Livre, Lisboa – 2017.

GUERRA, Paulo de B. **Flashes das secas: coletânea de fatos e histórias reais.** Fortaleza, Divisão de Documentação MINTER-DNOCS, 1977

Civilização da Seca. Fortaleza, DNOCS, 1981.

LIMA, Adriana R. **Trabalhadores da carnaúba: paisagem cultural e modo de vida dos camponeses em Russas-CE na primeira metade do século XX.** Dissertação (Mestrado em História Social) Programa de Pós-Graduação em História Social. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

MENEZES, Marilda A **Migrações e Mobilidades, Repensando teorias, tipologias e Conceitos.** In **Migrações : implicações passadas, presentes e futuras** / Paulo Eduardo Teixeira, Antonio Mendes da Costa Braga, Rosana Baeninger (org.). – Marília : Oficina Universitária ; São Paulo : Cultura Acadêmica, 2012.

MENEZES, Marilda A.; SILVA, Marcelo S. **Homens que migram, mulheres que ficam: o cotidiano das esposas, mães e namoradas dos migrantes sazonais do município de Tavares, PB.** In. *Gênero e geração em contextos rurais* / organizadores Parry Scott, Rosineide Cordeiro e Marilda Menezes. – Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres,2010.

NEVES, Frederico C. **A multidão e a história: saques e outras ações de massa no Ceará.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.